



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



AS CULTURAS SILENCIADAS E MARGINALIZADAS NA ESCOLA

Jurandir de Almeida Araújo
Mestrando em Educação – UNEB
Bolsista do Programa Internacional de Bolsas de Pós-Graduação da Fundação FORD.
E-mail: juran-araujo@hotmail.com

Josinéia dos Santos Moreira
Mestranda em Educação – UNEB
Bolsista do Programa Internacional de Bolsas de Pós-Graduação da Fundação FORD.
E-mail: neliauesb@yahoo.com.br

Rossival Sampaio Morais
Professor da Rede Municipal de Ensino de Salvador/BA.
E-mail: ita.morais@hotmail.com

Resumo: A cultura de um povo é transmitida de geração para geração como forma de manter vivos os seus costumes, os seus valores, as suas crenças, as suas tradições e concepções de mundo. No entanto, é comum nas sociedades modernas, particularmente, nas sociedades multiculturais e pluriétnicas a valorização de uma cultura em detrimento de outras. No Brasil, por exemplo, é notória a supervalorização da cultura europeia e a inferiorização das demais, notadamente, as de matrizes africanas. A escola que deveria ser o lugar privilegiado para reverter essa situação ainda não oferece uma educação que atenda aos interesses dos grupos menos favorecidos e historicamente discriminados. O presente artigo tem como objetivo refletir sobre o papel da escola, enquanto transmissora de conhecimento e formadora de identidade, enfocando a diversidade étnica-cultural da sociedade brasileira e a forma como esta é trabalhada no espaço escolar. Por ser um espaço onde a diversidade se faz presente, um local onde os diferentes sujeitos se encontram, assim como, uma zona de conflito permanente, já que diferentes culturas se correlacionam, a escola tem por obrigação referenciar e tornar visíveis em seu currículo essa diversidade de sujeitos e culturas.

Palavras-chave: Educação Multicultural – Diversidade – Preconceito – Currículo

Introdução

Cotidianamente, em todos os espaços sociais, em particular, no ambiente educacional, os grupos menos favorecidos e historicamente discriminados são vítimas de algum tipo de preconceito ou discriminação, quase sempre, relacionado à sua cultura e/ou ao seu pertencimento étnico-racial. Diante do exposto, nos perguntamos: que tipo de direcionamento



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



pedagógico tem se desenvolvido nas escolas em relação às diversas culturas? É público que as minorias desfavorecidas continuam tendo suas culturas minimizadas, quando não, silenciadas e marginalizadas pelo sistema de ensino.

A marginalização das culturas ditas inferiores, a exemplo das culturas negras e indígenas, está vinculada a um processo histórico de negação e exclusão que vêm desde o início da formação do Brasil. Ressaltamos que neste texto o termo culturas marginalizadas está sendo usado para referirmos as culturas que não estão inseridas no currículo escolar oficial ou estão incluídas de forma estereotipadas para responder de forma simplista a determinados preceitos legais, sem que haja assim uma efetivação de fortalecimentos de vínculos mais profundos no que concerne à questão curricular.

Para Macedo (2008, p. 98), “a educação brasileira ainda não proporciona aos usuários dos equipamentos de ensino o acesso de cada cidadão à Diversidade Cultural, à cultura universal que é singular de sua comunidade, de sua região e de seu país”. Complementado o pensamento de Macedo, Ataíde e Moraes (2003, p. 85) afirmam que: “o projeto pedagógico brasileiro é exógeno e xenófobo. As concepções de educação são alienígenas e não se priorizam as especificidades étnico-culturais dos diversos grupos sociais que interagem no espaço escolar”.

Sendo a escola um espaço onde a diversidade se faz presente, um local onde os diferentes sujeitos se encontram, assim como, uma zona de conflito permanente, já que diferentes culturas se correlacionam, esta tem por obrigação referenciar e tornar visíveis em seu currículo essa diversidade de sujeitos e culturas. Como observa Candau (2007, p. 13), “não há educação que não esteja imersa nos processos culturais do contexto em que se situa. Neste sentido, não é possível conceber uma experiência pedagógica “desculturizada”, isto é, desvinculada totalmente das questões culturais da sociedade”. Portanto, como afirma Santomé (1995, p. 176), “as salas de aula não podem continuar sendo um lugar de informações descontextualizadas. É preciso que o alunado possa compreender bem quais são as diferentes concepções de mundo que se ocultam sob cada uma delas e os principais problemas da sociedade a que pertencem”.

As reflexões que ora apresentamos neste artigo tem por objetivo questionar sobre o papel da escola, enquanto transmissora de conhecimento e formadora de identidade, enfocando a diversidade étnica-cultural da sociedade brasileira e a forma como esta é



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



trabalhada no espaço escolar. Estas reflexões foram realizadas à luz dos teóricos que estudam a temática, tais como: Bourdieu (1998), Candau (2010), Candau e Moreira (2003, 2008), Gadotti (1992), Gomes (1999), Macedo (2008), Santomé (1995) entre outros. Ressaltamos que não temos a pretensão de fazer uma revisão exaustiva da literatura que aborda a temática, mesmo porque não temos espaços e nossa proposta é trazer para a discussão alguns pontos importantes para se pensa uma educação das relações étnico-raciais, como nos orientam as leis 10.639/03 e 11.645/08 e as diretrizes curriculares nacionais.

Silenciamento e marginalização: o “xis” da questão

O silenciamento e a marginalização das culturas consideradas inferiores pela cultura hegemônica, ou seja, a cultura europeia, no ambiente escolar ocorre de várias formas e maneiras, principalmente, no currículo e nos materiais didáticos. Mesmo em cidades cuja população é majoritariamente afrodescendente, por exemplo, a cidade de Salvador, na Bahia, percebe-se que as escolas, em sua maioria, negam saberes e conhecimentos dos grupos historicamente discriminados, ratificando a forma tradicionalista e reprodutivista como a educação vem se perpetuando. Como assinala Arroyo (2007, p. 119):

O sistema escolar tem sido uma das instituições mais reguladoras da sociedade. Regula os tempos de pesquisa e os conhecimentos que considera como legítimos, regula os valores, culturas, memórias, identidades a partir de padrões universalistas ou generalistas construídos sem um diálogo com a alteridade e a diversidade.

A diversidade étnica e cultural que se faz presente na escola não é percebida por esta, que ainda continua pondo em prática uma abordagem educacional que pouco contribui para a valorização e a autoestima dos diferentes sujeitos que lá interagem. Os saberes e conhecimento dos grupos dominantes são legitimados em detrimento de uma prática educativa pluralista que comunga com os interesses das minorias desfavorecidas.

De acordo com Bourdieu (1998, p. 53):



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



Para que sejam favorecidos os mais favorecidos e desfavorecidos os mais desfavorecidos, é necessário e suficiente que a escola ignore, no âmbito dos conteúdos do ensino que transmite e dos critérios de avaliação, as desigualdades culturais entre as crianças das diferentes classes sociais.

Corroborando com o pensamento de Bourdieu, Santomé (1995, p. 161) afirma que:

Quando se analisa de maneira atenta os conteúdos que são desenvolvidos de forma explícita na maioria das instituições escolares e aquilo que é enfatizado nas propostas curriculares, chama a atenção a arrasadora presença das culturas que podemos chamar de hegemônicas. As culturas ou vozes dos grupos sociais minoritários e/ou marginalizados que não dispõem de estruturas importantes de poder costumam ser silenciadas, quando não estereotipadas e deformadas, para anular suas possibilidades de reação.

Mesmo com Leis e Diretrizes Curriculares que orientam na construção e promoção de uma educação numa perspectiva multicultural, ainda existe uma grande dificuldade por parte da escola e, em particular, dos professores em conceber os saberes e conhecimentos dos grupos menos favorecidos e historicamente discriminados como importantes e necessários para a formação dos sujeitos. Como assinala Candau (2010, p. 16), “no momento atual, as questões culturais não podem ser ignoradas pelos educadores e educadoras, sob o risco de que a escola cada vez se distancie mais dos universos simbólicos, das mentalidades e das inquietudes das crianças e jovens de hoje”.

A educação precisa ser revista e pensada por todos que atuam direta ou indiretamente no espaço escolar. Envolver a comunidade interna e externa em eventos e ações coletivas que priorize e insira na agenda escolar as questões pertinentes a promoção de uma educação multicultural deve fazer parte do calendário letivo das escolas. Desta forma além de abrir espaços para que os sujeitos se pronunciem, contribui significativamente para o direcionamento pedagógico do professor, que diante de todos possui a árdua tarefa de fomentar de maneira direta e prática tais inquietações e realizar intervenções que despertem a criticidade de seus alunos perante as diversas possibilidades educativas em sala de aula.

A educação precisa cumprir com o seu papel de formadora de sujeitos críticos/reflexivo e ciente do seu papel de cidadão. Como afirma Santomé (1995, p. 176), “a educação obrigatória tem que recuperar uma de suas razões de ser: a de ser um espaço onde as novas gerações se capacitem para adquirir e analisar criticamente o legado cultural da



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



sociedade”. Os sistemas de ensino e, sobretudo, as escolas precisam perceber que a contextualização de práticas educativas se faz necessário e é aí que o direcionamento deve ocorrer.

Diante do que foi apresentado, torna-se urgente a construção e efetivação de abordagens pedagógicas numa perspectiva multicultural, isto é, que atenda as necessidades e interesses dos diferentes sujeitos que frequentam o ambiente escolar.

Compreendendo a Educação Multicultural a partir da Cultura

Para chegarmos neste “oásis” da perspectiva de uma educação multicultural, primeiro precisamos enquanto educadores/as fazer uma retomada de alguns termos que precedem o termo multiculturalismo, como por exemplo, o termo cultura. Cultura é um termo que é usado livremente por todos, em vários contextos, e por esta razão temos a tendência de ter a ideia que fazemos da cultura como correta. Mas, o que se compreende por cultura?

A definição de cultura é algo complexo de significação. Para defini-la, os teóricos precisaram abarcar conhecimentos e termos antropológicos ou humanísticos, como também levar em consideração as diferentes abstrações e realidades dos povos, ao longo do seu tempo histórico, pois como observa Macedo (2008, p. 91) “cultura não é só arte, cultura são valores, posturas, hábitos, lugares, conhecimentos, técnicas, identidades comuns e diversas, conceitos, saberes e fazeres múltiplos”.

No dicionário de filosofia de Abbagnano (2000, p. 38), a palavra cultura é apresentada como “termo que é utilizado por sociólogos e antropólogos para indicar o conjunto de modos de vida criados, adquiridos e transmitidos de uma geração para outra, entre os membros de determinada sociedade”. Segundo o autor, o sentido de cultura abarca tanto as civilizações mais avançadas como as formas de vida social mais rústica e primitiva. Trata-se de um composto integral de elementos autônomos compartilhados por todos os membros de um determinado grupo social. Como afirma Sodré (2005, p. 9):

Cultura é uma dessas palavras metafóricas (como, por exemplo, liberdade) que deslizam de um contexto para outro, com significações diversas. É justamente esse “passe livre” conceitual que universaliza discursivamente o



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



termo, fazendo de sua significação social a classe de todos os significados. A partir dessa operação, *cultura* passa a demarcar fronteiras, a estabelecer categorias de pensamento, a justificar as mais diversas ações e atitudes, a instaurar doutrinariamente o racismo e a se substancializar, ocultando a arbitrariedade histórica de sua invenção.

Um dos grandes desafios em definir o que é cultura vem do fato de que esta é uma ideia e não algo palpável. Não é matéria, mas sim o pensamento por trás das ações, ou seja, “a cultura é o produto do pensamento do Homem”, estando diretamente ligada às práticas de organizações simbólicas.

A escola como um espaço onde diferentes sujeitos e culturas interagem ainda continua sendo regulada nos moldes da cultura hegemônica, isto é, a cultura europeia, desta forma, silenciando e marginalizando as demais.

Se a educação está inserida nos processos socioculturais do contexto a qual faz parte, não faz sentido desenvolver-se uma proposta pedagógica desvinculada da necessidade e interesses dos sujeitos alvo desta proposta, e, obviamente, as questões culturais são pontos chave. Como afirma Candau e Moreira (2008, p. 133), “existe uma relação intrínseca entre educação e cultura(s). Estes universos estão profundamente entrelaçados e não podem ser analisados a não ser a partir de sua articulação íntima”. Mesmo com todo o entrelaçamento da educação e da cultura, sabemos que há também os estranhamentos e os confrontos nesta relação, principalmente no ambiente escolar.

Nos dias atuais vivemos sob a predominância do fenômeno da globalização e da mundialização da cultura. A partir deste contexto, as relações entre educação e cultura(s) tornam-se complexas, sendo necessária a discussão acerca desta temática. Sendo assim, as instituições formais de ensino tendem a padronizar os ritmos e estratégias direcionados aos seus educandos, não levando em consideração as diversidades (de idade, experiências culturais etc.) existentes nas salas de aula. Este tipo de comportamento homogeneizador dificulta o debate sobre questões relacionadas com a diversidade como: preconceito, discriminação, raça, gênero, exclusão e outros. E denuncia o caráter monocultural da educação, presente no que se denomina como cultura escolar e cultura da escola (CANDAU e MOREIRA, 2008, p. 14, apud FORQUIN, 1993).

A partir desta constatação do caráter homogeneizador e monocultural da escola torna-se cada vez mais necessária a conscientização e a necessidade de romper com estas



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



práticas e construir outras práticas educativas que levem em consideração a questão da diferença, do plural e do multiculturalismo. Como ratifica Moreira e Candau (2003, p. 161), “a escola sempre teve dificuldade em lidar com a pluralidade e a diferença. Tende a silenciá-las e neutralizá-las. [...] No entanto, abrir espaços para a diversidade, a diferença e para o cruzamento das culturas constitui o grande desafio que esta chamada a enfrentar”.

Para enfrentar estes desafios que emergem no seio da escola e para implementar uma educação multicultural com êxito, esta precisa se ressignificar em vários aspectos e pensar a escola como um sistema social, no qual todas as suas principais variáveis estão estreitamente relacionadas (BANKS, 1993). Segundo Banks não basta apenas reformular o currículo ou proporcionar material e conteúdo específico, mas ajudar aos professores e os outros membros da escola ganhar o conhecimento pessoal sobre os grupos culturais e sobre atitudes e valores democráticos para a efetivação de programas multiculturais. Assim ele pontua e ratifica:

Para implementar a educação multicultural em uma escola precisamos reformar as suas relações de poder, a interação entre professores e alunos, a cultura da escola, o currículo, as atividades extracurriculares, as atitudes de línguas minoritárias, o programa de testes e práticas de agrupamento, as normas institucionais, estruturas sociais, crenças, declarações, valores e objetivos da escola. Tudo deve ser transformado e/ou reconstruído. (BANKS, 1993, p. 22) (tradução nossa).

Banks também chama a atenção no currículo oculto da escola, suas normas e valores implícitos. Segundo ele, este é a parte poderosa da cultura escolar que comunica aos educandos as atitudes da escola em direção a uma série de questões e problemas, incluindo a forma como a escola vê os seres humanos e suas atitudes em relação a homens, mulheres, alunos excepcionais, estudantes de religiões diversas, grupos culturais, étnico-raciais. Ou seja, no currículo oculto está presente a visão de mundo, de sociedade e de homem que a escola quer formar.

Assim, na formulação de planos para a educação multicultural, os professores devem conceituar escola como uma microcultura que tem normas, valores, status e uma variedade de outras microestruturas inseridas, representadas estas pelos sujeitos que a compõe (professores, alunos, direção, funcionários etc). Partindo deste pressuposto a escola deve ser um ambiente cultural onde os professores e alunos assimilam algumas visões, perspectivas e ethos de cada ator inserido neste ambiente, interagindo entre si. Deste modo, todos os envolvidos serão



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



enriquecidos por esse processo e o desempenho escolar dos diversos grupos será reforçado porque suas perspectivas serão legitimadas pela escola, enriquecendo o processo de partilha cultural e de interação. Enfim, a escola precisa ser um espaço de inclusão, onde os diferentes sujeitos que nela interagem se sintam parte integrante do processo de construção do conhecimento.

Por uma Educação Multicultural

A escola que sempre foi excludente, hoje exclui de maneira contínua, em todos os níveis de ensino, mantendo em seu interior aqueles que ela exclui, contentando-se em relegá-los para os ramos mais desvalorizados, o que torna a escola num espaço de marginalização dos grupos menos favorecidos (BOURDIEU, 1998). É notório que os grupos minoritários estão sendo incluídos no sistema educacional formal, no entanto, ao adentrar no espaço escolar tornam-se invisíveis, isto é, suas culturas são silenciadas e marginalizadas, e quando mencionadas, quase sempre, são colocadas de forma estereotipada e/ou folclorizada.

A luta incessante dos movimentos sociais, notadamente, do movimento negro, por uma educação das relações ético-raciais tem surtido efeitos significativos frente ao Estado brasileiro e as escolas. Nos últimos anos foram criadas políticas educacionais numa perspectiva multicultural que tem orientado os profissionais que atuam na escola na elaboração de um currículo que atenda as necessidades e interesses dos diferentes sujeitos que frequentam o espaço escolar. Segundo Luz (2003, p. 62):

Estamos tendo o prazer de ver expandir-se contemporaneamente, iniciativas coletivas de educadores em todo o mundo, em torno da afirmação de uma nova e urgente abordagem sobre educação, cujo princípio inaugural é a dimensão ontológica da diversidade humana, marcada pela angustiante procura da compreensão sobre o estar no mundo, no universo, ou seja, no processo dinâmico da existência humana.

No entanto, as instituições escolares, em sua maioria, mesmo com leis e diretrizes curriculares que orientam na construção de uma abordagem educacional numa perspectiva multicultural, ainda se utilizam de um modelo educacional eurocentrista, monocultural e



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



excludente. Poucas são as unidades escolares que desenvolvem uma prática educativa que atenda as necessidades e interesses dos grupos menos favorecidos e historicamente discriminados. Para Gadotti (1992, p. 3):

A educação multicultural é ainda, entre nós, um tema novo e falar dela significa assumir riscos e enfrentar problemas. Somos um país etnocêntrico. Embora multirracial, o Brasil, nas suas escolas, se comporta como se fosse monoétnico, desconhecendo a existência de outras culturas e etnias que não a ocidental cristã.

É evidente que a promoção e efetivação de uma educação multicultural não acontecerá de imediato em todas as escolas, assim como, desenvolvida de forma satisfatória por todos os profissionais que atuam na área educacional, pois, como observa Gadotti (1992, p. 3), “o desenvolvimento de uma educação multicultural no Brasil depende fortemente de mudanças no sistema educacional e, sobretudo, da **formação do educador**” (grifo no original). Bem como do apoio e empenho de todos os envolvidos direta e indiretamente com a escola – pais, professores, alunos, diretores, coordenadores, secretários da educação, governo etc.

Um aspecto relevante para a construção de uma educação multicultural se dá na medida da compreensão da necessidade de mudanças curriculares, em que esta organização por parte dos seus profissionais (professores, coordenadores, diretores etc.) seja repensada de forma que haja uma sistematização dos saberes e conhecimentos culturais de forma natural e não apenas em situações que folclorizam, limitando a compreensão ou deturpando determinados conhecimentos. É necessária a materialização de propostas e objetivos. É a partir dessa materialização no Projeto Pedagógico, nos planos de curso, nos objetivos institucionais e nos demais marcos da escola que a educação multicultural vai ser concebida. Pois, como afirma Santomé (1995, p. 176):

Uma pedagogia antimarginalização precisa levar em consideração as dimensões éticas dos conhecimentos e das relações sociais. É preciso que as instituições escolares sejam lugares onde se aprendam, mediante a prática cotidiana, analisar como e porque as discriminações surgem, que significado devem ter as diferenças coletivas e, é claro, individuais.

Neste sentido, como assinala Gomes (1999, p. 04), “educar para a diversidade é fazer das diferenças um trunfo, explorá-las na sua riqueza, possibilitar a troca, proceder como grupo,



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



entender que o acontecer humano é feito de avanços e limites”. Daí que surge a necessidade de se por em prática uma abordagem educativa dentro dos princípios da educação multicultural, visto que, como afirma Gadotti (1992, p. 3):

A educação multicultural é mais rica do que a educação monocultural, na medida em que constrói o conhecimento através das várias perspectivas de diferentes grupos étnicos, incentiva a **parceria** (só a parceria entre diferentes cria o novo) e rompe com o etnocentrismo, buscando, assim, a síntese entre **cultura elaborada** e **cultura popular**, entre cultura local e universal, permitindo o intercâmbio entre educação regular e educação assistemática, possibilitando o desenvolvimento dos valores democráticos e da cidadania (grifo no original).

Assim sendo, investir numa proposta educativa multiculturalista é o melhor caminho para acabar com o silenciamento e marginalização de grupos e culturas tidas como inferiores pela sociedade e, conseqüentemente, pela escola.

Considerações finais

Acreditamos na promoção e efetivação de uma educação questionadora, que vai contra a reprodução da estrutura vigente e que emerge como uma alternativa para se repensar a forma como o processo histórico consolidou a exclusão dos grupos marginalizados e que hoje necessitam conhecer tais aspectos (sociais, históricos etc.) que foram construídos no decorrer dos tempos. Educação essa que deve ser pensada e posta em prática de forma democrática e igualitária, onde os conteúdos curriculares dialoguem com as diferentes expressões culturais que se fazem presente na sociedade brasileira e, por conseguinte, no ambiente educacional.

A escola que se diz democrática, precisa urgentemente incluir nos conteúdos curriculares os saberes e conhecimento dos diferentes sujeitos que frequenta o seu ambiente, assim como, abrir espaço para que todas as manifestações culturais se apresentem de forma equitativa. Todas as manifestações que nos tornam diferentes uns dos outros precisam ser vistas, trabalhadas e respeitadas no ambiente educacional, assim como em qualquer outro ambiente social.



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



Enfim, a escola enquanto lugar privilegiado para a construção de conhecimento precisa desfazer-se de sua postura tradicional e reprodutora da sociedade e adotar uma nova atitude frente a diversidade étnica e cultural que interagem no seu espaço, desvinculando-se dos estereótipos que estigmatiza, marginaliza e oprime qualquer tipo de manifestação que fuja aos padrões culturais dominantes, ou seja, precisa desprender-se das práticas conservadoras e racistas e passe a desenvolver uma abordagem pedagógica que insira todos os sujeitos, independente de cor, credo, gênero, orientação sexual etc. numa prática contextualizada e referendada por valores, conhecimentos e perspectiva de mudança paradigmática.

Referências

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo, Martins Fontes, 2000.

ARROYO, M. G. A pedagogia multirracial popular e o sistema escolar. In: GOMES, N. L. (Org.). **Um olhar além das fronteiras: educação e relações étnico-raciais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 11-130.

ATAÍDE, Y. D. B; MORAIS, E. S. A (Re) Construção da Identidade Étnica Afro-Descendente a partir de uma proposta alternativa de educação pluricultural. **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 12, n. 19, p. 81-98, jan./jun., 2003.

BANKS, J. A.; BANKS, C. A. M. **Multicultural Education: issues and perspectives**. United States of America, Ed. Allyn and Bacon, 1993.

CANAU, V. M. F. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, A. F.; CANAU, V. M. F. (Orgs.). **Multiculturalismo: Diferenças Culturais e Práticas Pedagógicas**. ed. 4. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. p. 13-37.

BOURDIEU, P. A escola conservadora: as desigualdades frentes à escola e à cultura. In: BOURDIEU, P. **Escritos de educação**. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. p. 39-64.

CANAU, V. M. F.; MOREIRA, A. F. B. Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos. **Revista Brasileira de Educação**, nº 23, Mai/Jun/Jul/Ago, 2003.



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



GADOTTI, M. **Notas sobre a educação multicultural.** Encontro de educadores negros do MNU. Câmara Municipal de São Paulo, 16-19 de julho de 1992. Disponível em: www.paulofreire.org/pub/Institucional/MoacirGadottiArtigosIt0022/Notas_sobre_educ_multi_cultural.pdf Acesso em: 04 ago./2011.

GOMES, N. L. **Educação e Diversidade Cultural:** refletindo sobre as diferentes presenças na escola. 1999. Disponível em: <http://www.mulheresnegras.org/nilma.html> Acesso em: 20 fev./ 2010.

LUZ, N. C. P.. Do monopólio da fala sobre educação à poesia mítica africano-brasileira. **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 12, n. 19, p. 61-80, jan./jun., 2003.

MACEDO, C. A. Programa Cultural para o Desenvolvimento do Brasil. IN: BARROS, J. M. (Org.). **Diversidade Cultural:** da proteção a promoção. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 76-87.

MOREIRA, A. F.; CANDAU, V. M. F. (Orgs.). **Multiculturalismo:** diferenças culturais e práticas pedagógicas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SODRÉ, M. **A verdade seduzida.** Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

SANTOMÉ, J. T. As culturas negadas e silenciadas no currículo. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Alienígenas na sala de aula.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. p. 159-177.